

REDAÇÃO

Quem tem algum interesse pelas artes, no Brasil, conhece, com certeza, a revista "Habitat", editada pelo mesmo grupo que dirige o Museu de Arte de S. Paulo. Tudo nessa revista é bom gosto; e a prova de que o meio exigia uma publicação dessa qualidade é que, apesar de seu preço não popular e de sua especialização, ela tem um número elevado de assinantes e leitores. Sou desse número, e preso a revista bastante para guardar sua coleção. Acho-me, assim, no direito de anotar um defeito irritante a que, apesar de advertências já feitas por outros, sua direção não parece dar maior importância.

O caso não tem nada a ver com a orientação da revista, nem com seu curioso temperamento polêmico. Para quem vive no Rio, essas disputas entre o Museu de Arte e o Museu de Arte Moderna de S. Paulo não interessam muito. Creio mesmo que essa "diferença" é um bom estímulo para os dois museus, e a vivacidade das críticas escritas e orais que um faz das iniciativas do outro tem seu lado salutar, ainda que, para um observador de fora, elas às vezes pareçam descer ao nível lamentável das picuinhas e dos fuxicos.

O que me desgosta, em "Habitat" é que, apesar da veemência com que combate o mau gosto na arquitetura, na pintura, na escultura, no urbanismo, no mobiliário, na decoração, na publicidade e em tudo o mais, ela despreza da maneira mais acintosa o bom gosto de escrever. Não se trata de mau estilo, nem de erros de gramática. Por um anúncio publicado no número 5, a direção parece acreditar que a revista está redigida em mau português. Desmanchemos essa doce ilusão: o que acontece apenas é que a revista não é escrita em português. Vou tirar apenas alguns exemplos do último número: "teríamos proposto de transformar"; "pede-nos de comentar esse fato"; "a Comissão do Centenário talvez lê somente as revistas"; "somos entre aqueles que acreditamos"; "peço de solicitar aos estrangeiros para que"; "ouvindo durante uma conversa que em S. Paulo haviam muitos mexericos"; "aqueles coitados de assim chamados acadêmicos"; "se não houverem relações cordiais"; "por entre os milhares de leitores deve ter estudiosos".

E tudo é assim, infatigavelmente assim, nesse italo-português que tem todos os erros e não tem nenhuma graça do dialeto que às vezes a gente ouve falar no Braz. Deus sabe (e meus leitores testemunham) que não sou purista. Mas no caso não se trata de exigir um português puro e perfeito; trata-se apenas de pedir que a revista seja escrita em português, e não em macarrônico.

Não pedimos fluência, elegância, nem limpeza, mas um respeito aos limites mesmos da língua, além dos quais ela perde não apenas sua beleza e seu sentimento mas sua própria natureza. É um mínimo de decência e de dignidade, na escrita, sem o qual o pensamento mais profundo e a idéia mais brilhante se tornam torpes e ridículos.

Acho que não estou pedindo muito, e se peço é porque acho doloroso que uma iniciativa cultural de tão grande interesse se comprometa por uma falha tão desagradável e fácil de sanar. Em "Habitat" a gente só pode ler com sossego, sem choques desagradáveis, os anúncios comerciais das agências, onde sempre há uns rapazes que têm um conhecimento razoável da língua. Telefone para uma dessas agências, sr. Bardí, e peça os serviços de um rapaz desses; e pague bem, que vale a pena.

R. B.

3/4/52